

# Imaginário no cinema curto no Brasil: democracia, cinema, periferia

Paulo Maia<sup>1</sup>

DOI 10.20396/eha.vil4.3417

*Kbela*, Yasmim Thainá (22 min., 2015), é um filme ou uma performance? se questiona um estudante em uma projeção do cineclube que deu origem a este artigo. Cinco mulheres vivenciam um processo de transfiguração que sugere sobretudo uma intensidade sensorial para elas e para os telespectadores. A estrutura do filme, contudo, conduz um movimento que vai do som metálico do sax no jazz à percussão do jongo. Os traços e a energia afirmam a força e a potência da identidade feminina afrodescendente. No ritmo inicial, bocas na tela proclamam expressões racistas relacionadas ao cabelo e à cor ("cabelo duro", "pixaim", "macaco"). As palavras assumem ações e gestos deslocados do sentido usual, tornando-se temas para a mudança provocada pela narrativa do filme. Estas imagens vistas na contramão são pura intensidade experimentada dramática, poética e criticamente. Desde vibrações que traduzem a crise com a autoimagem, projetada no desconforto com o cabelo, até a aceitação e o respeito, *Kbela* dá forma ao afeto, dá imagem ao olhar que identifica potências, tal como sugerem a sinopse e alguns *frames* do filme:

Um olhar sensível sobre a experiência do racismo vivido cotidianamente por mulheres negras. A descoberta de uma força ancestral que emerge de seus cabelos crespos transcendendo o embranquecimento. Um exercício subjetivo de autorepresentação e empoderamento.<sup>2</sup> (Fig.01)

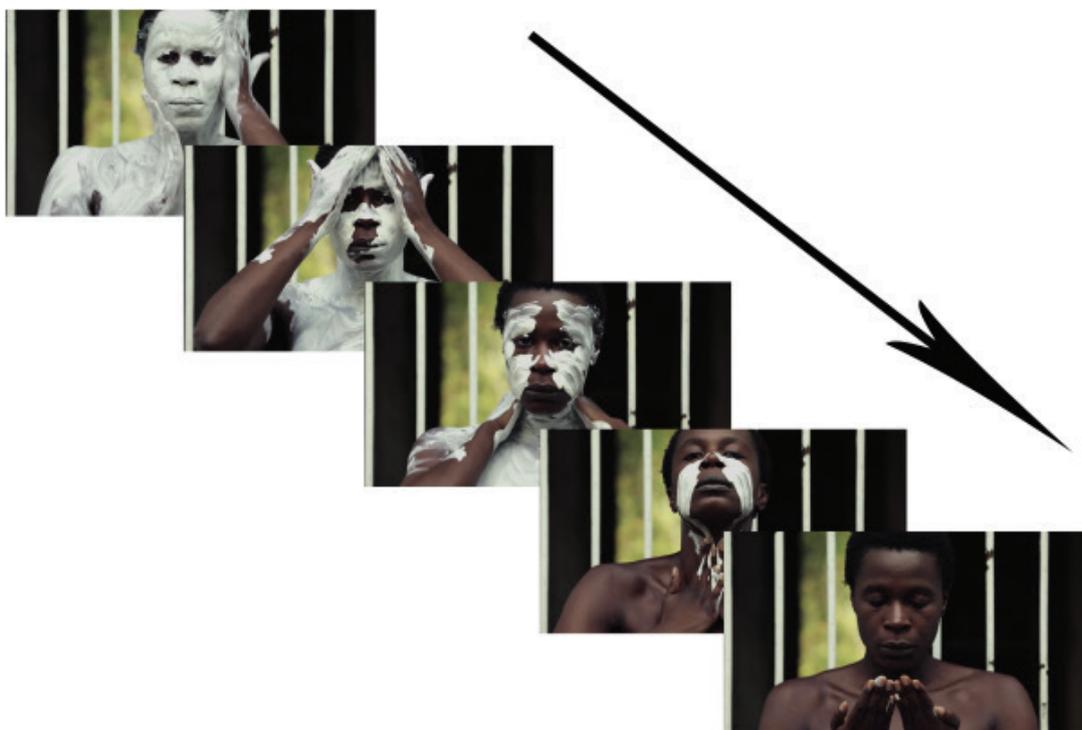
O filme orienta-se pela dinâmica de uma era embalada na formulação da ideia de ser livre e poder se identificar, sem medo ou culpa. Sem dúvida as políticas públicas inclusivas da trajetória curta da democracia em construção no Brasil permitiram criar um solo fértil para a imaginação, um terreno propício para novas subjetividades, um lugar de acolhimento para novas visibilidades no cinema. Uma era de direitos civis e de políticas públicas inclusivas, porém, que tem encontrado seu termo no estado de exceção pelo qual passa o Brasil. Um momento de desmonte de sistemas de compensação que operavam para diminuir a brutal desigualdade social que estrutura a história do

1 Paulo Maia é bolsista de Pós-Doutorado no Dpto. de Ciência da Literatura da UFRJ, com bolsa paga pela CAPES. É também pesquisador no Grupo de Educação Multimídia - GEM/UFRJ.

2 Canal *Kbela* no Youtube. Acesso em 20.12.19: <<encurtador.com.br/xJOT2>>



[Figura 1] *kbela* 12'48", acesso em 27.11.19: <<encurtador.com.br/n]UZ1>>



[Figuras 2-6] *Kbela* 4'39"-5'50", acesso em 27.11.19:<<encurtador.com.br/n]UZ1>>

país. O fim da previdência, do acesso à educação e à saúde públicas é somente parte do projeto de desmonte em curso. Um instante veloz, no sentido de uma cintilação histórica, que deve ser motivo das lentes inconformadas e portanto agenciadoras de novas formas de ser e fazer. *Kbela* é um filme de cineasta negra e de origem humilde. É um filme que festeja a raça, a delicadeza, o afeto, é "um exercício subjetivo", uma transcendência, a "descoberta de uma força ancestral que emerge de seus cabelos crespos", como diz sua sinopse.

As imagens desse exercício, as corporificações que materializam e desmontam as expressões de preconceito e ódio, a exemplo das iluminações profanas de Walter Benjamin, são instantâneos que deformam o olhar naturalizado e que desejam estimular outra percepção, provocar nova sensibilidade. Com o golpe de 2016, a gota d'água reacionária se transformou em puro fel e a invocação da família e dos direitos divinos ao privilégio, normalmente identificado com a cor e a cultura, lavou as esperanças de liberdade incondicional.

O filme foi lançado em setembro de 2015, mesmo mês em que a primeira mulher a chegar à Presidência da República era destituída "em nome de Deus e da família brasileira". Dilma foi derrubada do poder por se opor ao Projeto Ponte para o Futuro, que é uma reelaboração das estratégias do capital financeiro para se perpetuar via metamorfoses na ideologia liberal e do estado democrático de direito. Ponte para o Futuro é a configuração do estado para o livre-mercado absoluto, onde empreendedorismo e inovação social são as novas senhas para abrir todas as portas, a começar pelas instituições do próprio estado. Na razão neoliberal da pós-democracia, segundo Rubens Casara, o estado é monetarista em todas as suas iniciativas, políticas e em todo os seus poderes, "os bens, as pessoas, os princípios e as regras passaram a ser valorizados apenas na condição de mercadoria"<sup>3</sup>. Com o esvaziamento da democracia participativa e o fim dos limites ao exercício do poder a um grupo corporativo, os direitos, as leis e a justiça estão a serviço de interesses privados daqueles consumidores que estão autorizados a usufruí-los.

No caso do Brasil, onde ordem e desordem dialetizam-se, segundo Antonio Candido, para responder a estímulos do capital externo, a pós-democracia legitima a essência autoritária da cultura, superando a ideologia, na verdade um verniz, da cordialidade. Duas práticas coloniais: a violência familiar (com desfaçatez) e o respeito aos interesses estrangeiros dão o tom do projeto de progresso apresentado como Ponte para o Futuro. Dilma foi tirada do poder por ser mulher, por ser entendida como inflexível por aqueles que a tentaram comprometer com prejuízo para a sua ima-

---

3 CASARA, 2017, p. 40.

gem e também por ter posição progressista (apesar das contradições de um governo de coalizão). É muito simbólico que um filme como *Kbela*, conceituado em torno da compreensão e transformação da subjetividade, seja apresentado no mesmo mês em que foi deposta a presidente que criou o Ministério da Mulher e dos Direitos Humanos. É simbólico, inclusive, porque o argumento do golpe buscou identificá-la com a intransigência. O filme aponta para outro sentido, não o do espelho da realidade, mas da forma que constrói como estratégia de transfiguração do próprio real. A premissa da sublimação da violência da cultura afirmando a subjetividade negra emerge das novas condições do estado, mas esbarra na reação social no país. As elites nacionais não suportam ver os negros representados longe das atividades servis nem as mulheres em posição superior. Aí talvez é que se encontre a negação da presidenta, da visibilidade proposta e, agora, de qualquer projeto cinematográfico que estimule uma tal subjetividade.

Na pós-democracia, a liberdade intocável é apenas a que garante a propriedade privada, a concentração dos meios de comunicação de massa, a fabricação de 'próteses de pensamento' - televisores, computadores, *smatphones* etc. - capazes de substituir cidadãos por consumidores acríticos, acumulação de bens, os interesses das grandes corporações e a circulação do capital financeiro.<sup>4</sup>

Um acordo entre influxos externos e pragmatismo cultural locais, numa acomodação violenta e autoritária, como sugere Lilian Schwarcz no livro *Sobre o autoritarismo* (2019), em que a autora analisa diferentes disfarces do tema e suas renovações na mitologia nacional. Sempre que se vêem ameaçados os interesses de classe no Brasil, surge uma nova ponte para o futuro, projetando práticas tradicionais sob nova roupagem e mantendo o estado de coisas inviolável. *Kbela* é um filme que depura uma acumulação democrática na ingenuidade da compreensão performada. É esteticamente muito bonito e delicado, é também muito provocativo pelo modo como enfrenta a violência de algumas expressões que busca desmontar. Mas, no seu inocente e justo desejo, tecnicamente, é refém do realismo de *Cidade de Deus* e deslumbrado com a possibilidade técnica. Tal como sucede no filme de Fernando Meireles sobre a explosão da violência com tráfico de drogas no Rio de Janeiro nos anos 90. Meireles introduziu, segundo José Carlos Félix, um realismo técnico novo no cinema brasileiro, criando um paradigma formal, estético e também político. A literariedade do sangue e a dialética da violência, para ele, criariam uma espetacularização inebriante perigosa. (Fig.2)

4 CASARA, Rubens. *Do Estado Democrático de Direito o estado Pós-Democrático*. IN: *O Estado pós-democrático - neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. p. 30

Na sequência acima ilustrada, a purificação é um esclarecimento tecnicamente mobilizado. O elogio da técnica é explicitamente disfarçado na busca da pureza espiritual e cultural. Thayná não quer ressignificar as imagens do passado, ela quer criar novas imagens, novos imaginários e novas imaginações. O filme fica preso, entretanto, aos paradigmas comerciais que nega. O discurso se perspectiva contra qualquer violência, buscando algum tipo de purificação, mas acaba reafirmando pelo uso de recursos técnicos ilusionistas a supremacia violenta da tecnologia de controle social. A tecnologia como neutralidade e purificação é uma ideologia do mundo capitalista. A linguagem é o meio em que se opera tal desconstrução. Porém, como lembra Félix se referindo ao novo paradigma aberto pela literariedade do sangue no ilusionismo naturalista de *Cidade de Deus*:

O realismo não é sinônimo para espontaneidade. Como a percepção já é desde sempre estruturada, o realismo não é inimigo da técnica e, uma vez que o cinema possui um potencial quase ilimitado para a montagem, poderia ser um veículo privilegiado para a mudança social<sup>5</sup>

Este artigo teve origem em um cineclube com estudantes secundaristas e da Faculdade de Letras. O questionamento central do debate foi em relação às escolhas estéticas e políticas dos filmes ao abordarem o problema das visibilidades e da produção de baixo orçamento. Tal cineclube se propôs organizar uma mostra e visitar espaços formativos para debater cinema e luta social no Brasil, o foco descoberto no calor das discussões é o mais difícil em terra marcada pela cicatriz da escravidão. A mostra Cinema é Poder! permitiu vislumbrar a construção de um conceito organizado como oficina de produção técnica e crítica de um imaginário. Trata-se de um imaginário elaborado para estimular a imaginação e a leitura autônoma de imagens do passado que permanecem, as quais se busca desautomatizar. A mostra visou promover novas formas de ler o realismo no cinema de hoje, formas de apreender a realidade em movimento.

---

5 FÉLIX, José Carlos et. all. *Realismo e realidade do sangue: Cidade de Deus 15 anos depois*. In: LOUREIRO, Robson (Org.). "A Teoria Crítica volta ao Cinema". Vitória: Edufes, 2018. p. 172

## Referências bibliográficas

- ÁLVAREZ, Santiago. *O Jornalismo Cinematográfico*. IN: LABAKI, Amir (Org). *verdade de cada um*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.
- ALVES JR. Douglas Garcia. *Visões infernais do Brasil: negatividade e mimesis em Cronicamente Inviável, de Sérgio Bianchi*. IN: LOUREIRO, Robson (Org.). “A Teoria Crítica vai ao Cinema”. Vitória: Edufes, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de história*. IN: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CANDIDO, Antonio. *A dialética da malandragem*. IN: \_\_\_\_\_. *O discurso e a cidade*. 3ª ed. SP/RJ: Duas Cidades e Ouro Sobre Azul, 2004.
- CASARA, Rubens. *Do Estado Democrático de Direito o estado Pós-Democrático*. IN: *O Estado pós-democrático - neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- FÉLIX, José Carlos et. all. *Realismo e realidade do sangue: Cidade de Deus 15 anos depois*. In: LOUREIRO, Robson (Org.). “A Teoria Crítica volta ao Cinema”. Vitória: Edufes, 2018.
- SCHWARCZ, Lilian. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.
- SENNETT, Richard. *O Artífice*. Trad. Clóvis Marques. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico – opacidade e transparência*. 4ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2008.

## Filmes:

- CIDADE de Deus. Direção de Fernando Meireles. Rio de Janeiro: O2 Filmes e Globo Filmes, 2002. Netflix, (130’), cor.
- KBELA. Direção de Yasmin Thayná. Rio de Janeiro: independente, 2015. Youtube, (21’), color. Acesso em 09.12.19: <<encurtador.com.br/kpQR9>>
- O DIA em que Dorival encarou a guarda. Direção de Jorge Furtado. Porto Alegre: Casa de Cinema, 1986. Youtube (14’), cor. Acesso em 09.12.19: << encurtador.com.br/jvBJ5>>